anxa
91-B
4028

CRUZ MAGALHÃES

AEL BORDALO PINHEIRO

O MUSEU

UM APÊLO MALOGRADO

(ANTE CATALOGO DO MUSEU RAFAEL
BORDALO PINHEIRO)

Campo Grande, 382
1916

CRUZ MAGALHÃES

RAFAEL BORDALO PINHEIRO
O MUSEU
UM APÊLO MALOGRADO

(ANTE CATALOGO DO MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO)

Tiragem de 100 exemplares, numerados e rubricados pelo autor, para oferta á Imprensa, Bibliotecas, Protetores do *Museu*, etc.

Campo Grande, 382
1916

Ao Ex.mo Senhor
José Rodrigues Simões,
Amavel protector do
Museu,
Com a mais grata consideração,
Cf. N.º 46
Cruz Magalhães

Visitei este museu
no dia 13 d'Agosto
de 1916.
J. R. Simões

Rafael Bordalo Pinheiro

A

LUÍS CALADO NUNES,

o inquebrantavel amigo de 40 anos, o mais antigo, proficuo e dedicado colaborabor do *Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, com um gratissimo abraço.

" Quando se trata de individualidades supremas, todas as minudencias tornam-se factos capitais; porque ás vezes em um pequeno acidente da vida está a determinação de um destino „.

TEOFILO BRAGA.

"A solidão coloca-nos ao abrigo da banalidade triunfal e do mau gosto vitorioso, dois grandes suplicios para a sensibilidade dos artistas... „

RAMALHO ORTIGÃO.

«... satisfazer esta necessidade de viver por os outros e para os outros, que é um dos impulsos mais irresistiveis da natureza humana».

JULIO DINIZ.

PREAMBULO

Para bom entendedor
meia palavra basta.

Eram tres: o avô, muito velho; o neto, muito novo; o burro, nem muito velho nem muito novo.

Andavam sempre juntos pelas feiras, pelos mercados, pelas romarias... uma vez, ia o avô no burro, e o neto ao lado, todos tres despreocupados, talvez felizes... estaca um intrometido e desata a censurar o velho: que era desumano ir êle regalado e a criancinha a fatigar-se. O velho, bondoso, disse para o neto, desmontando-se: — salta para o burro, rapaz, que eu... assim como assim!...

Mais adeante comenta novo metediço: — olha o pateta! então não vai o velho a pé, e o garoto, cheio de vida, a cavalo!

Fica surprezo o velho, mas decide-se: — pois vamos ambos a pé!...

Mais além um terceiro abelhudo vocifera: — ora não ha coisa assim! para que teem vocês o burro? Sois mais asnos do que êle!

— Esta agora! exclama o velhote, então vamos ambos a cavalo.

Mal tinham percorrido uns metros, quarto linguareiro increpa: — vocês matam o burro, sôs alarves, não veem que o peso é de mais para o pobre animal?!...

Pois, senhores, até o burro ficou pasmado!

O velho ainda murmurou: — quererão êles que a gente leve o burro ás costas?! Menos essa!

E lá se quedam na estrada estarrecidos, os tres, até á consumação dos seculos, esperando que os criticos sejam justiceiros, que os maldizentes acabem... e que este mundo seja melhor.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Notas breves

As caracteristicas anímicas dos grandes artistas são, em geral, multiplas e complicadas, as de Rafael Bordalo Pinheiro formam uma aureola brilhante, que lhe tornará imorredoira a memoria gloriosa, e podem sintetizar-se nos mais nobres amores — o da Familia e o da Patria, este abrangendo o Povo.

A pagina "Um olhar para o passado „ duma comovedora sensibilidade, feita no Rio de Janeiro, em 1876, saudoso dos Seus e do querido Torrão Natal, traduz aqueles entranhados amores do Artista portentoso.

Varios desenhos, representando pessoas de familia, entre os quais deve notar-se uma aguarela, datada de 1868, em que fez o retrato de seu irmão Columbano, o genial pintor, que tanto honra Portugal; um desenho á pena, tambem de 1868, em que se veem todos os membros da familia Bordalo; o grande quadro "Bodas na aldeia„ para que serviram de modelo os irmãos do Artista; um estudo a oleo retratando, pela mesma epoca, sua irmã, D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, a benemerita e talentosa

reformadora das rendas de Peniche, etc. etc. documentam quanto prezava o culto da familia.

O amor patrio levou-o a regeitar varios convites para viver no estrangeiro, como artista condignamente remunerado e conceituado, o que lhe foi garantido principalmente numa tentadora proposta de Londres, para pertencer á redáção artistica do importante jornal *Illustrated London News*, em que colaborou. Noutras cotadas revistas estrangeiras apareceram trabalhos do Artista.

O amor á Patria querida levou-o ainda a reproduzir motivos arquitetonicos dos nossos principais monumentos em muitos dos seus desenhos. E manifesta-se bem ostensivamente, por exemplo, em 1881, quando verberou com altiva veemencia o tratado de Lourenço Marques, fazendo caír o ministerio progressista de então. Mais tarde, em 1890, a quando do *ultimatum*, vibrou quente e ousado todo o patriotismo do vigoroso caricaturista demolidor em paginas soberbas, cheias de revolta, que são um dos mais intemeratos padrões da sua áção fustigante contra a indolencia morbida duma raça dormente, que êle tentava acordar para a luta, para a vingança e para o resurgimento!

Em centenas de paginas das publicações de Rafael Bordalo se patenteiam exuberantes as nobres tendencias do Artista para todas as manifestações do progresso humano e da Liberdade. A sua obra maravilhosa impõe-se por tres qualidades belas, além de outras: a fertilidade, o riso, a fantasia.

Tambem o amor aos humildes e aos desprotegidos da sorte nitidamente se espelha nos inicios da sua carreira artistica, e sempre, por toda essa vastissima obra genial, que nos legou. A sua predilécção maxima, desde os primeiros estudos, concentra-se nos costumes e tipos populares, logo em 1867, data

dos primeiros trabalhos daquele que viria a ser um dos mais gloriosos artistas portugueses, e em todo o periodo, por assim dizer, de incubação artistica, são ás dezenas as varinas, os camponeses, os rapazes dos fosforos, dos jornais, dos palitos e rocas; cenas populares como as do homem do capilé, as da Feira da Ladra, as da Praça da Figueira, as das Hortas, etc. que constituem uma galeria pitoresca, documental e historica.

O culto pelo progresso impulsionou-o sempre, desde as experiencias de todos os novos processos de gravura, porque todos estudou e mais ou menos aplicou, até á magnifica evolução da ceramica, que tão brilhantemente, tão patrioticamente, e tão proficientemente, por fim, alcançou, vencendo a rotina, a má vontade, a inveja, e a mais feroz legião de reveses! E nessa fase alta da sua estonteante carreira artistica o antigo amor aos tipos populares revive na ceramica, originando a adoravel coléção de figurinhas de barro, e as hilares caricaturas de movimento: o forcado, o policia, o sacristão, etc. Ainda e sempre o amor ao Povo!

O altruismo revela-se em milhares de trabalhos do fulgentissimo Artista, exaltando o premio a benemeritos, desde o rude cabo Simão, e tantos outros filhos do Povo, até ás camadas mais elevadas da sociedade, representadas por Capelo e Ivens, Serpa Pinto, etc. Para muitissimas festas de caridade executou ornamentações primorosas, ilustrou uma profusão de numeros unicos, programas, *menus*, e desenhou paginas soberbas em favor de inumeras obras pias, além de preitos enternecidos nalguns centenares dos seus jornais, em Portugal, e noutros de varias emprezas, sem esquecer muitissimos trabalhos, com o mesmo generoso intuito, que traçou no Brasil, avulsos, e nos jornais que lá publicou.

O QUE É

Pode afirmar-se que não houve manifestação de homenagem, ou de beneficencia publica, no seu tempo, quer em Portugal quer no Brasil, em que não colaborasse o lapis prestigioso do genial caricaturista, ou a sua fantasia expansiva e original de ornamentador insigne. Deram brado algumas ornamentações de S. Carlos para bailes de mascaras, de varios carros para cortejos carnavalescos, e as do Coliseu para festas de caridade. O principal atrativo, o mais insigne, do nosso pavilhão, na exposição de Paris de 1889, foi a ornamentação prodigiosamente invulgar

O QUE DEVE SER

de Rafael Bordalo Pinheiro. E, em Madrid, tambem numa exposição, o exito de ornamentador do nosso excelso artista foi tal que o governo espanhol solicitou do nosso para lá ficar um portico, feito de cordame, dum equilibrio e beleza de linhas surpreendente.

A propaganda ás belas-artes e aos artistas é apanagio tenaz da sua obra exemplar e fecunda, consagrou milhares de artistas: pintores, escultores, musicos, poetas, atores, um caudal potente, realçado pela fórma carinhosa e brilhante como exaltava

todas as revelações do talento, do saber, da coragem, enfim, das qualidades que tornam o homem superior a si proprio.

O culto pelo Povo e pela Igualdade acompanha Rafael Bordalo desde os mais remotos trabalhos da sua fulgida carreira artistica até ás ultimas expansões do seu inconfundível talento. A criação do Zé Povinho é uma prova flagrante. Nessa concretização dum Povo pôs ele toda a critica e toda a boa vontade de regenerar, de fazer progredir uma raça. Com que cuidadosos desvelos ele quiz acordar o Zé Povinho para a luz da civilização! Chegou a fazê-lo aprumado e airoso, numa certa epoca em que o julgou mais consciente e integro!... Depois, desanimado, tornou a desenhá-lo desgeitoso e alvar, até que o aguarelou para um figurino da revista "Reino da Bolha„ do notabilissimo escritor, snr. Eduardo Schwalbach, com uma corneta acustica em cada ouvido, cheio de teias de aranha, sorridente, a apanhar moscas, ornado com uma corrente de batatas, cujo berloque era uma cabeça de carneiro!

Um desenho de 1872 é decisivo em propaganda igualitaria: representa o diabo examinando através duma lente uma serie de recemnascidos, todos identicos, filhos de individuos das mais variadas classes sociais.

O odio, que o prestigioso Artista votava á guerra, manifestou-o logo em 1870, numa arrojada composição profetica, infelizmente inedita, impulsivo esboço de aguarela audaz, contra a Alemanha!

Muitos anos decorridos, são tambem notaveis pela profecia e clarividencia, as celebres paginas dos *Pontos nos ii:* "*A balança da Europa*„ e "*Caso das Carolinas*„ que o abalisado jornalista e cotado poeta, Snr. Dr. Alfredo da Cunha, reproduziu no *Diario de Noticias*, de 23 de Janeiro de 1915, comemorando o

10.º aniversario da morte do insigne Artista, que foi Rafael Bordalo Pinheiro.

Espirito progressivo, Rafael Bordalo anteviu não só processos, mas até escolas, bem o prova toda a sua obra e maximamente um desenho "A ultima estação„ dum realismo flagrante, feito em 1870, em pleno dominio ainda do romantismo! Esse trabalho, que lhe valeu criticas azedas e até a intervenção da autoridade, o que o tornou talvez inedito, representa uma taberna, ao fundo, e no primeiro plano um cadaver no esquife, tendo em volta os condutores beberricando, proximo está o padre, montado num burro, bebendo tambem!...

E talvez não desadorasse a Politica, o notabilissimo caricaturista, pelo menos criticou-a muito, dedicou-lhe a mais larga parte do seu fertilissimo engenho, sempre na vanguarda dos que defendiam os direitos do Povo, a integridade da Patria e seu resurgimento, foi um democrata autentico e um audaz reformador dos costumes portuguêses. Deve notar-se que nunca desenhou a Republica, reproduzida algumas centenas de vezes na sua obra colossal, senão sob a fórma atraente duma esbelta e formosa figura de mulher. Para se aquilatar do seu poder como reformador da sociedade portuguêsa basta uma frase do fertil e brilhante escritor, Snr. Julio Dantas: "A sua influencia (de Ramalho Ortigão) sobre a sociedade portuguêsa da segunda metade do seculo XIX, só comparavel á influencia de Rafael Bordalo, foi formidavel„.

Mas o maximo pendor do genial Artista, cujos desenhos se contam por muitos milhares, gloria imorredoira da Patria Portuguêsa, que se chamou Rafael Bordalo Pinheiro, foi para a Fantasia e para o Riso, que esmaltam, saneantes e fortes, toda a sua obra maravilhosa e magistral.

NOTA CURIOSA. — O benevolo e jovial caricaturista numa pagina cintilante com que ilustrou no Rio de Janeiro uma polca "O Besouro„ encarnou o *Expediente*, naturalmente de todas as suas emprezas jornalisticas, na *Preguiça do Brasil!* Talvez esta singela graça explique o carater efemero da mór parte dos jornais criados pelo inegualavel Artista.

Foi um dos mais remotos e estrenuos propagandistas do anuncio ilustrado, e do cartaz anunciador em Portugal, e no Brasil, no *Museu* veem-se repetidas provas desta afirmação.

O MUSEU

Como surgiu a ideia inicial dêste *Museu?*

Duma remotissima conversa entre dois fervorosos admiradores do genial caricaturista: Luís Calado Nunes e eu.

De começo tratei de adquirir o mais que podia com o méro intuito egoista de formar albuns em que me fosse facil, e aos meus restritissimos amigos, gozar as cintilações fulgentes dum talento esfusiante, uberrimo, que tão belamente resaltam de toda a obra, simbolica e hilariante, a mais não sêr, do fecundissimo Rafael Bordalo Pinheiro.

Muitos dos primitivos cartões, que se destinavam a esses albuns, veem-se, como foram organizados, vai para vinte anos, no album existente na sala I.

O decorrer da vida transforma designios, e mesmo caratéres; não raro desilusões crueis, ao invés de irritarem e perverterem, em devidas represalias, vinganças até, os animos duramente feridos, dão-lhes a conformidade no sofrimento injusto, tal

qual encanto em desumanizarem-se, certo envaidecido gozo em esquecerem o mal recebido, e em atingirem, por vezes, um supremo quilate de bondade — o perdão. Quem sabe se na mira de contrabalançar involuntarios erros, insensivelmente acodem idéas de bem-fazer, e opera-se a suave transformação de algum egoismo renitente num grato desejo de ser util, de fazer compartilhar do maior numero de individuos certos bens, que para nós proprios exclusivamente reservaramos?

Seria por semelhante tendencia animica que resolvi tornar o *Museu* facilmente acessivel, e por minha morte propriedade da cidade de Lisbôa?

Mover-me-ia o desejo de incitar todos os que melhor do que eu podem organizar museus particulares, tão abundantes nos países estrangeiros?

O impulso de homenagear um glorioso Artista Português, morto, tenho eu a firme certeza que me instigou.

As homenagens aos vivos tem seus contras: pode facilmente supôr-se que a móla instigadora seja o interesse; bastas vezes, longe de se obter uma justa gratidão, encontra-se uma perfidia; por muito que se divinizem certos vaidosos, eles julgam-se sempre além dessa divinização...

Só a posteridade sagra com retidão a obra dos Artistas.

E para quem nos desenganos se afundou, das vaidades fugiu, e da vida colheu amarissimos tormentos, *a melhor fórma de desprezar a maldade dos vivos é honrar a bondade dos mortos,* como tão judiciosamente notou o brilhante escritor, Snr. Oldemiro Cesar, no primeiro artigo em que na imprensa diaria se tratou deste Museu.

O quadro «Bôdas de aldeia» merece algumas referencias especiais, a seu respeito, no prefacio do *Album de Caricaturas*, de Julio Cesar Machado, lê-se: "... quadro admiravel, de talento, de naturalidade, de composição, em que brilham juntas a verdade e a graça... Tomás de Carvalho falou desse quadro a Casal Ribeiro, que o comprou por quarenta e cinco mil reis. Rafael Bordalo gastára com êle sessenta. O *Casamento d'aldeia* esteve exposto em Madrid e obteve um premio.„

No livro "Rafael Bordalo Pinheiro„ escreve o conhecido escritor, snr. Souza Pinto: "O quadro ou mais propriamente o estudo, para cujas principais figuras serviram de modelos alguns parentes do autor, tem a data de 1871 e foi executado com destino á grande exposição realizada nesse ano em Madrid.„

Nesta mesma obra de aplaudivel homenagem filial, a pg. 50, afirma-se que eu adquiri o quadro "Bodas de aldeia„ e o *mandei reparar o melhor possivel.*

É meu indeclinavel dever aclarar este ponto. O notavel quadro, que já havia sido rasgado pelo filho do autor, em criança, valendo-lhe a única *reprimenda* séria de seu ilustre Pai, foi, já na minha posse, completamente furado pela cabeça bronca dum portador.

O quadro estava pessimamente resguardado quando o comprei: uma moldura dourada réles e uma cruz de madeira nas costas, nada mais! Subindo uma escada, o homem que o conduzia meteu a cabeça pelo tenue desenho, como um palhaço fura um circulo de papel. A minha desolação foi extrema, e como o meu querido amigo de infancia, Luís Calado Nunes, cuja aptidão para as belas-artes é variada e surpreendente, se condoêsse da minha profunda mágua, para me animar, prometeu salvar o quadro. Fiquei radiante por confiar plenamente no engenho e na paciencia daquêle meu carinhoso amigo, alma incan-

savel de cooperante meu desde o início do *Museu Rafael Bordalo Pinheiro.*

Não *mandei*, pois, foi-me generosamente oferecido um beneficio de altissimo apreço, cuja realização foi primorosa.

O *Museu* possue varios estudos do célebre quadro "Bodas de aldeia„, um deles foi-me gentilmente oferecido, além de outras curiosidades, como provas do "Jogo do gamão„, etc., pelo falecido snr. Visconde das Laranjeiras.

Existe ainda um outro estudo, que o mesmo amavel aristocrata em tempo ofereceu ao *Museu*, mas que nunca chegou, nem já agora chegará a sêr recebido, por causa da morte, inesperada e prematura do bondoso e amavel doador.

O falecido Visconde das Laranjeiras era um homem duma cultura invulgar, de trato afavel, bondoso, aplaudiu e coadjuvou os intuitos do "Museu Rafael Bordalo Pinheiro„ classificando-os, como sãos, e patrioticos; possuia uma clara compreensão do civismo e do amor pátrio, a ele deve o *Museu* cativantes e inolvidaveis provas de deferencia amistosa, muito desvanecedoras.

Outros bondosos protetores teem favorecido este *Museu*. A justa e grata menção vai especificada no fim deste folheto, alfabeticamente. Salvo involuntarias omissões.

O *Museu* deve a Luis Calado Nunes uma boa vintena de copias impecáveis, perfeitamente confundiveis com os originais, que só uma extrema pericia, aliada a uma extrema paciencia, poderia produzir. Serão devidamente notadas no catalogo.

Lutei com grandes dificuldades na disposição geral dos trabalhos expostos, que é de minha exclusiva responsabilidade, menos na sala IV, ha naturalmente defeitos de que peço desculpa. As salas I, II e III são quanto possivel, cronologicas, salvo casos de força maior, como estar o *Album das glorias* na sala III, quando deveria estar na II, o que não foi possivel por nela não caber.

Ha tambem uma má distribuição de originais, misturados com reproduções de varia especie, que se notarão no catalogo; má vista será, porém, aquela que não distinga um original de uma reprodução.

Na escada existem alguns trabalhos, que fazem parte integrante do *Museu*, como se verá no catalogo, mas a maioria dos objetos nela contidos são de simples homenagem, ou evocação; a maior parte dos produtos ceramicos, que se veem no *Museu*, são singelamente ornamentais, fabricam-se ainda na fabrica das Caldas, que mantem o nome glorioso de Rafael Bordalo Pinheiro, dirigida por seu ilustre filho.

A sala IV tem um cunho especial, intimo, composta quase exclusivamente de trabalhos escolhidos pelo notavel artista e professor, Snr. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, com uma disposição por ele indicada.

Todos os trabalhos expostos, salvo aqueles a que se refiram restritíssimas declarações minhas especiais, não são propriedade exclusiva de ninguem, já estam testados á Cidade de Lisboa, pertencem ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

UM APÊLO MALOGRADO

No prefacio do "Album de caricaturas„ (1876) escreveu o brilhante folhetinista, Julio Cesar Machado, o seguinte: "Dizia ele que a sua Patria era a rua de S. José n.º 47 (hoje 33) estamos felizmente num país em que isto se pode escrever para o público sem receio que o senhorio do predio aumente a renda aos atuais inquilinos para fazer valer a prenda gloriosa de haver nascido ali o talentoso artista. O predio continuará a valer o mesmo, talvez até o senhorio embirre de haver estado a fazer uma casa para lhe nascerem artistas néla! Mais valera malvas á porta!„

Fina e incompreendida ironia!...

O predio não só ficou valendo o mesmo, como nem sequer uma lápide possue, lembrando que nele nasceu um gloriosissimo artista português!

Vão quase decorridos 70 anos desde o nascimento de Rafael Bordalo Pinheiro (21 de março de 1846) e perto de 40 depois de publicada a observação do falecido escritor, tão criteriosa e justa.

O portentoso caricaturista faleceu em 29 de janeiro de 1905, ha mais de 11 anos.

Ora no *Diario de Noticias* de 23 de janeiro de 1915, foi publicado o seguinte artigo:

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Completam-se hoje 10 anos sobre a morte do inegualavel artista que foi Rafael Bordalo Pinheiro. Relembramos esta data com tanta admiração pelo seu talento como saudade pela sua afetuosa convivencia.

Alguem que muito quere á sua memória, o sr. Cruz Magalhães, teve a patriotica iniciativa de organizar um museu de trabalhos de Rafael Bordalo Pinheiro, onde já conta muitas dezenas de produções do grande caricaturista e ceramista. E, recordando a data de hoje, quiz-nos amavelmente indicar dois desenhos insertos nos *Pontos nos ii*, que veem a proposito na presente ocasião e que revelam quase uma presciencia de vidente em quem os traçou e sentiu.

São duas paginas daquele semanario de caricaturas, as quais reproduzimos pela atualidadade da sua significação e pelo que representam de homenagem ao glorioso artista que as compôs.

Tambem, com o nosso inteiro aplauso, em seguida publicamos o requerimento que em 11 de novembro ultimo o sr. Cruz Magalhães apresentou á Camara Municipal de Lisboa, e cujo imediato deferimento se impõe.

Il.mos e Ex.mos Snrs. Vereadores da Camara Municipal de Lisboa

Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, morador na Rua Oriental do Campo Grande, 168, julgando-se no direito, como cidadão português, de apre-

sentar alvitres — que por vezes já propagou na Imprensa — ao Dignissimo Senado Municipal de Lisboa, e na fé, mesmo, de que esses alvitres, quando justos, devem ser executados, lembra, muito respeitosamente, o dever patriotico de se honrarem aqueles, que a Patria honraram.

Rafael Bordalo Pinheiro foi um artista prodigioso, que honrou a Patria Portuguêsa com os fulgores do seu genial talento de caricaturista, fulgores que foram devidamente apreciados em varios paises estrangeiros, como França, Inglaterra, Espanha, e maximamente no Brasil, onde Rafael Bordalo chegou ao apogeu da Fama.

Foi tambem um propagandista veemente e eficaz das ideias democraticas: algumas centenas de vigorosas e inegualaveis caricaturas o atestam.

Foi um ceramista prestantissimo; ao serviço do resurgimento da ceramica portuguesa pôs todos os esforços de patriota primoroso, em toda a extensão da palavra!

Em janeiro de 1915 completam-se 10 anos, após a morte do fecundissimo e genial Artista: nem uma consagração ainda se lhe fez!

O largo da Abegoaria, onde tantos anos viveu, e onde morreu o glorioso Rafael Bordalo Pinheiro, continua a ostentar o feio e sujo nome antigo, quando de ha muito se devera chamar: Largo de Rafael Bordalo Pinheiro. Na casa onde faleceu não ha uma simples lapide comemorativa, assim como na casa onde nasceu — Rua de S. José, 47, hoje 33 — segundo uma antiga informação do malogrado folhetinista, Julio Cesar Machado, não ha tambem o mais leve sinal de nela ter visto a luz um dos mais prestantes, nomeados e gloriosos dentre os mais celebres artistas portugueses!

No largo do Carmo existe uma lapide errada a

respeito do portentoso romancista Camilo Castelo Branco! Lisboa não prestou ainda a esse egregio vulto das letras portuguesas a devida homenagem.

O requerente ousa solicitar dos patrioticos e elevados sentimentos artisticos do atual Senado Municipal de Lisboa:

a) Que se coloque uma lapide artistica comemorativa do nascimento de Rafael Bordalo Pinheiro na casa da rua Alves Correia;

b) Que se coloque uma lapide artistica comemorativa do falecimento de Rafael Bordalo Pinheiro na casa do Largo da Abegoaria;

c) Que ao mesmo largo se dê a denominação de *Largo de Rafael Bordalo Pinheiro;*

d) Que se erija um monumento, condigno, ao mesmo glorioso artista;

e) Que, emendando-se a data errada, se coloque nova lápide, que artisticamente seja digna do mais fulgente, fertil e assombroso romancista português;

f) Que se erija um monumento condigno do altissimo valor de Camilo Castelo Branco — para o que já duas comissões efetuaram trabalhos, existindo no Monte Pio Geral mais de mil escudos com tal fim.

O requerente, confiado nos altos sentimentos de justiça e patriotismo, que animam os atuais vereadores de Lisboa, espera que estes pedidos tenham justo e rapido deferimento.

11—11—914

Referiram-se, concordantes, a este requerimento, além de outros provaveis, os seguintes jornais: *Seculo*—13 de Novembro de 1914; *Mundo*—7 de Dezembro de 1914; *Capital*—21 de Janeiro de 1915.

Não se dirá que por falta de reclamação se não

prestam as homenagens devidas ao propulsivo ceramista; e não póde alegar-se ignorancia por falta de publicidade.

Mas, muito antes, em 25 de Janeiro de 1914, publicou o *Diario de Noticias* a carta, que segue:

Sr. Redator.—Permita a benevolencia de v. que eu mais uma vez me refira ao prodigioso artista—Rafael Bordalo Pinheiro.

Basilarmente, a carta do ilustre Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisbôa, não merece senão louvores; afigura-se-me, porém, que a futura e assás devida consagração ao glorioso caricaturista, no futuro Parque Eduardo VII, nada impede que desde já se crisme o Largo da Abegoaria.

Eu desejaria mais, no que respeita a consagrações nas vias publicas da cidade de Lisbôa: que a cada uma das ruas onde estiveram instaladas as redações das brilhantes revistas: "Antonio Maria„ "Pontos nos ii„ e "Parodia„ se puzesse o nome de cada uma dessas inolvidaveis folhas, com a devida explicação: "antigo semanario de caricaturas do genial caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro „.

E, quanto ao futuro Parque Eduardo VII, que belo seria ampliar-se a aplaudivel lembrança do digno Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal, e nele fazer um curioso pateão, onde ficassem no marmore homenageados: Camilo, João de Deus, Herculano, Garrett, Silva Porto, Soares dos Reis, e todos os portuguêses que honraram a Patria por uma fórma verdadeiramente superior.

Caso v. sr. redator, se digne julgar estes alvitres merecedores de serem insertos no seu prestigioso jornal, muito grato ficará, o seu admirador, etc.—*Cruz Magalhães.*

Datam pois de Agosto de 1911 as minhas ins-

tancias para que se ponha ao largo da Abegoaria o nome de Rafael Bordalo Pinheiro.

Do *Diario de Noticias* de 16 de Março de 1915 transcrevo duma outra carta minha:

"O largo de Rafael Bordalo Pinheiro continua a ser o largo da Abegoaria!

A fabrica, que conserva o nome e mantem a tradição do carícaturista genial e ceramista eximio, oficiou á camara municipal logo depois da justa deliberação de se mudar o nome ao largo, oferecendo-se para moldar artisticamente os letreiros para as respetivas esquinas.

Esse oficio, que eu saiba, ainda não obteve resposta!

E é tudo assim! Que deploravel pecha portuguêsa esta de deixar para amanhã, indefinidamente!... Mesmo em coisas que representam, além duma injustiça, um desprimor„.

Do *Diario de Noticias*, de 23 de Janeiro de 1916, transcrevo:

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Do Snr. Cruz Magalhães, o benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, recebemos a seguinte carta, que encerra justissimas considerações:

Snr. Redátor:

Passa ámanhã, 23, o decimo primeiro aniversario da morte do genial caricaturista, Rafael Bordalo Pinheiro, cuja memoria deve merecer a todos os portuguêses a mais grata veneração, porque Rafael

Bordalo não foi só uma gloria privilegiada na caricatura, que cultivou com fulgido talento, foi tambem como ceramista, provocando e desenvolvendo a renascença da ceramica artistica em Portugal, um verdadeiro benemerito da Patria.

Por outra razão ainda êle é digno do culto da nação portuguesa: foi um energico e salutar reformador dos costumes nacionais, como muito bem notou algures o brilhantissimo escritor, Julio Dantas, referindo-se a Ramalho Ortigão, nos seguintes termos: «A sua influencia sobre a sociedade portuguesa da segunda metade do seculo XIX, só comparavel á influencia de Rafael Bordalo Pinheiro, foi formidavel.„

Ora, em 11 de Novembro de 1914, fundamentei largamente um requerimento á camara municipal de Lisboa, cujas reclamações, sobre este assunto eram:

a) que se coloque uma lapide artistica, comemorativa do nascimento de Rafael Bordalo Pinheiro, na casa da rua Alves Correia;

b) que se coloque uma lapide artistica, comemorativa do falecimento de Rafael Bordalo Pinheiro, na casa do Largo da Abegoaria;

c) que ao mesmo largo se dê a denominação de «Largo de Rafael Bordalo Pinheiro»;

d) que se erija um monumento, condigno, ao mesmo artista.

Pois, sr. redator, ainda até hoje me não consta que o malfadado requerimento despertasse na edilidade lisbonense o menor desejo de homenagear o portentoso artista português!...

Comentarios?! Para quê?!

Agradecendo a publicação destas linhas, sou de V. obscuro, mas dedicado admirador, etc.

CRUZ MAGALHÃES „

De 11 de Novembro de 1914 até hoje vão decorridos quase dois longos anos!...

A carta acima transcrita foi publicada em 23 de Janeiro de 1916, já lá vão mais de seis meses!

E... tudo na mesma.

25 de Julho de 1917.

PROTETORES DO MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Columbano Bordalo Pinheiro
Elvira Bordalo Pinheiro (D.)
Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Alberto Bessa
Alfredo da Cunha (Dr.)
Amadeu de Freitas
Ana de Castro Osorio (D.)
Antonio Francisco Alves
Antonio Rodrigues Xavier
Antonio Teles Machado
Armando Boaventura
Carlos de Macedo Branco
Carlos Santos
Eduardo Brazão
Eduardo Schwalbach
Emilia Santos (D.)
Emilia Vale (D.)
Evaristo Costa
Francisco Serra
Frederico Augusto Ribeiro

Frederico Valente (Dr.)
Ivo Frederico da Silveira
Jeronimo Silva
João Barral (Dr.)
João de Deus Ramos (Dr.)
João Osorio de Castro
João Ribeiro Cristino da Silva
Joaquim Augusto Torres
José Antonio do Vale
José Carlos dos Santos (Caldas da Rainha)
José Osorio de Castro
José Queiroz
José Rodrigues Simões
Julio de Menezes
Julio Teixeira Bastos
Justino Guedes
Licinio Perdigão
Lucinda Simõis (D.)
Luis Calado Nunes
Luís Ferreira Lima
Magalhães Lima (Dr.)
Manoel Carvalho (Caldas da Rainha)
Manuel dos Santos Loureiro (Dr.)
Manuel dos Santos Liborio
Maria Amalia de Brito Aranha (D.)
Maria Taborda de Oliveira Abreu (D.)
Oldemiro Cesar
Palmira Bastos (D.)
Paulino Ferreira
Pedro Batista Ribeiro
Rui Teixeira Bastos
Sarrea Prado
Visconde das Laranjeiras
Vitor Guerreiro
Xavier da Costa (Dr.)

91-B 4028

TIP. DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»
R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178 - PORTO